

O Ensino de Artes na Educação Infantil

*Dr. Gilmar Leite Ferreira
Professor de Arte e Educação*

O ensino de artes, na Educação Básica no Brasil, tem enfrentado os desafios dos currículos confusos, das escolas mal estruturadas, da presença de professores mal qualificados, com pouca formação continuada e com jornada de trabalho dupla. Isso constitui um entrave, desconsiderando os conteúdos importantes na formação educacional das crianças e adolescentes.

No Brasil, a maioria das escolas não tem um espaço adequado para o ensino de artes, como um teatro, um auditório ou equivalente, onde possam ser viabilizadas as produções artísticas dos alunos. Com relação a sua pedagogia, ela perde-se num emaranhado de propostas mecanicistas, com poucas significações e conteúdos que estão alheios ao mundo dos estudantes. Nessa dispersão, está a formação dos professores e seu processo de formação continuada. Muitos professores de artes, geralmente, são de outras disciplinas e ensinam artes para completar suas cargas horárias. Nessa mesma esteira, existe a realidade das longas jornadas dos professores, trabalhando dois expedientes, com uma quantidade de turmas e alunos exorbitantes, as quais impendem de os professores estudarem, prepararem melhores aulas e a disponibilidade de tempo para acompanhar cada aluno em sua especificidade.

Sem uma proposta pedagógica bem definida, o ensino de artes, ainda acontece de forma vazia, sem muito significado e sentido para os alunos. Geralmente, sua visibilidade opaca, acontece nas festividades escolares, como o dia do folclore, semana da pátria, do meio ambiente e outras datas comemorativas, sendo uma mera atividade dos citados momentos, nos quais as produções estereotipadas dos alunos, no dia após as comemorações de tais festividades, vão para o lixo. Infelizmente isso é uma realidade em grande parte das escolas, muito embora, professores de formação na área de arte e educação, muitas vezes, com poucas condições de estruturas e tempo, conseguem fazer trabalhos significativos em algumas escolas da rede básica de ensino. Porém, isso ainda é uma minoria, com relação a quantidade de escolas públicas que existem no Brasil.

Outro fator que fragmenta e fragiliza o ensino de artes, revela-se no cotidiano escolar, quando esta disciplina é usada como uma espécie de “bengala” para outras áreas do conhecimento, sendo apenas um mero suporte e perdendo sua especificidade

como área de conhecimento singular, com conteúdos próprios e uma epistemologia específica. Outras vezes, as aulas de artes, são concebidas, como um momento de acalmarem crianças ou adolescentes, tidos como agitados, barulhentos e indisciplinados, como se as artes fossem uma espécie de terapia.

Faz-se necessário que o professor de artes tenha um bom conhecimento no campo da arte educacional, esteja sempre se reciclando, tendo boas condições técnicas e estruturais, apoiado pelos que junto com ele, fazem da escola um lugar onde a formação dos alunos alcance os aspectos da dimensão sensível e inteligível.

Assim, a disciplina Arte deverá garantir que os alunos conheçam e vivenciem aspectos técnicos, inventivos, representacionais e expressivos em música, artes visuais, teatro, dança e artes audiovisuais. Para isso é preciso que o professor organize um trabalho consistente, através de atividades artísticas, estéticas e de um programa de Teoria e História da Arte. Inter-relacionados com a sociedade em que vivem. Entendemos que é possível atingir-se um conhecimento mais amplo e aprofundado da arte, incorporando ações como; ver, ouvir, sentir, pensar, descobrir, exprimir, fazer, a partir dos elementos da natureza e da cultura, analisando-os, refletindo, formando, transformando-os. É com essa abrangência que a arte deve ser apropriada por todos os estudantes, indiscriminadamente (FERRAZ & FUSARI, 2010, p. 22).

As artes possuem um imenso campo para ser explorado através da criação e recriação de objetos artísticos, nos quais, os alunos possam explorar as capacidades de imaginação e da própria experiência do mundo do qual fazem parte. Nesse sentido, o professor poderá ampliar seu conhecimento da realidade existencial, social, econômica, cultural e familiar dos alunos. Essa aproximação é fundamento necessário para que o diálogo seja mais aberto e verdadeiro, abrindo os canais de uma educação compartilhada, em prol do desenvolvimento educacional dos alunos.

Configurada, como uma disciplina que trabalha essencialmente com a experiência sensível, o ensino de arte deve buscar nos alunos a desenvolvimento da sensibilidade, aperfeiçoando os sentidos em prol de uma percepção que busque alcançar a plasticidade de vida, com suas indeterminações, imprevisibilidades e incertezas. São esses aspectos do mundo da vida que a arte consegue penetrar e fundar novos sentidos e significados. Cada experiência sensível abre caminhos novos, outras compreensões e formas de diálogos com o mundo, no qual os alunos estão inseridos. Por isso, torna-se

necessário que os métodos sejam abertos e os objetivos jamais fechados, pois as artes são móveis e moventes no campo de uma educação tecida na sensibilidade.

Portanto, serão métodos que estimularão a atividade e a iniciativa dos alunos sem abrir mão da iniciativa do professor; favorecerão o diálogo com a cultura acumulada historicamente; levarão em conta os interesses dos alunos, os ritmos de aprendizagem e o desenvolvimento psicológico, mas sem perder de vista a sistematização lógica dos conhecimentos, sua ordenação e graduação para efeitos de processo de transmissão-assimilação dos conteúdos cognitivos (SAVIANI, p.60, 1980).

O ensino de artes, contextualizado, dimensiona o saber para os aspectos de uma aprendizagem, na qual os alunos desenvolvem a capacidade interpretativa de compreender o universo cultural, tanto do lugar em que está inserido, como a cultura de outras regiões e países do estrangeiro. Dessa maneira, os alunos serão sujeitos conscientes de sua cidadania e capazes de interferir no meio em que vivem, construindo novas relações sociais e com o saber. Esse sentido amplo de educação, envolvendo o desenvolvimento da cognição sensível e da experiência estética, contextualizada, abre o horizonte de aproximação e o diálogo das artes com o mundo da vida e das ciências, sem hierarquias, mais sim, como parceiros na construção do conhecimento e no desenvolvimento integral dos alunos.

Uma pedagogia da arte, consciente do seu papel educativo, e não apenas ligada aos aspectos da aprendizagem, puramente dita, deve levar em consideração os valores culturais, nascidos das tradições, as quais estão impregnadas de signos e símbolos de determinado povo. Torna-se necessária uma atenção dos professores sobre os “valores estéticos”, de algumas modas culturais, efêmeras e descontextualizadas, veiculadas nos meios de comunicação de massa, com interesses puramente capitalistas, sem nenhuma preocupação estética-cultural, mas sim, a venda de produtos “artísticos descartáveis”. Por isso, o ensino de artes deve ser crítico e reflexivo, proporcionando aos educandos um diálogo construtivo sobre o real significado e importância da apreciação de determinado objeto artístico.

Desde o final do século XX, dentro do processo tecnológico, os aparelhos eletrônicos estão cada vez mais se tornando uma gama infindável de interação, aprendizagem, comunicação e expressão. Como vivemos na era da “humanização das tecnologias” são notáveis as artes imersas no universo online, na robótica e na inteligência artificial. O que antes era puramente contemplativo, principalmente nos

museus, hoje, no mundo virtual, nos websites e em outros espaços da produção e divulgação digitalizada, os objetos artísticos estão abertos a interações, nas quais, pode-se mudar e alterar determinadas produções artísticas, criando diversos signos e dando sentidos as produções tecnológicas.

Ampliando a capacidade dos sentidos humanos, os aparelhos ou máquinas sensoriais registram, copiam o mundo visível e audível, sendo basicamente produtores e, sobretudo, reprodutores de signos. Em razão disso, promoveram e continuam promovendo uma proliferação desmedida de signos. Não há qualquer canto ou rincão do mundo que não esteja hiperpovoado de signos. Dotado de interfaces transductoras, os computadores funcionam como verdadeiros aspiradores desses signos, manipulando-os das mais variadas formas. Os signos cresceram de maneira tão desmedida que precisam de hipercérebros para processá-los. Amplificando o poder de pensamento cerebral, os computadores podem estar hoje desempenhando esse papel de hipercérebros manipuladoras da avalanche de signos que são produzidos pelos aparelhos. Com isso, são os sentidos e o cérebro que crescem para fora do corpo humano, estendendo seus tentáculos em novas conexões cujas fronteiras estamos longe de poder delimitar (SANTAELA, p. 42, 1997).

Os passos do desenvolvimento tecnológico não têm volta. Ele caminha a passos largos, impossibilitando de conseguirmos acompanhá-los ou sabermos para onde eles vão. No entanto, o professor de artes tem que se conectar pedagogicamente com as novas tecnologias, usando as artes interligadas com os smartphones que, podem ser instrumentos na produção de fotografias, vídeos, áudios e demais recursos que esses minicomputadores (smartphone, iphone, entre outros) oferecem. Mas, o investimento no campo da experiência sensível deve ser priorizado, mesmo no uso das novas tecnologias.

A imaginação no universo infantil é um lugar virtual que a criança dimensiona, criando avatares com o mundo das impossibilidades, das coisas sem lógicas (para os adultos) e das imprevisibilidades. Por isso, a infância tem as portas abertas para a criação de objetos artísticos, pois as artes juntam paradoxos, aproximam as antíteses e entrelaçam as coisas supostamente separadas. Tendo conhecimento do mundo infantil, os professores de artes, por meio de uma pedagogia aberta e dialogada, têm diversas estratégias de ensino-aprendizagem, nas quais devem ser investidas as mais variadas e diversas criações. É de fundamental importância que as produções sejam contextualizadas, permitindo as crianças se expressar e construir um campo de comunicação entre si.

Através do poder inventivo que as crianças possuem as possibilidades de criação nos campos da pintura, desenho, modelagem, dança, entre outros, estão abertos, proporcionando a exploração da capacidade imaginadora, na qual, o lúdico, o prazeroso e o espontâneo devem ser priorizados.

Todos nós conhecemos a expressão “pintando e bordando” quando queremos dizer que as crianças fazem arte ao realizarem uma bagunça em algum lugar. As crianças de fato fazem arte ao bagunçarem o mundo imagético das formas convencionais, promovendo a desordem lógica no mundo adulto, por meio de borrões,, fileiras de círculos raiados, manchas, pessoas voando. Nesse espaço lúdico-plástico, gatos e pássaros convivem amigavelmente na mesma superfície, na imaginação e na memória afetiva. Universos convencionais são transformados pela imaginação e inventividade das crianças, criando paradoxos nunca antes vislumbrados pelos adultos (CUNHA, p.15, 2012).

Respeitando o universo infantil, o professor não deve impor modelos de criação artística padronizados, como sempre ocorreu ao longo da história da arte-educação. A liberdade de criação deve ser estimulada, buscando o sentido cultural e histórico, no qual a criança está imersa, levando em consideração as idiossincrasias que cada criança possui. Cabe ao professor apontar estratégias, sugestões, soluções, encaminhamentos, ideias, orientações, para que as crianças possam explorar o universo da criação-imaginadora, experimentar, criar e recriar o mesmo objeto artístico, refazer o que não conseguiu em outro momento, ir de encontro ao supostamente imperceptível, desvelar o oculto, aproximando as maias diversas coisas, criando a si mesma e recriando o mundo que a imaginação criadora permite.

Por meio do diálogo, deve o professor proporcionar à criança a liberdade de expressão para que consiga dizer qual a intencionalidade dela em um determinado objeto artístico. Ler as imagens, as pinturas, modelagens e demais linguagens artísticas, possibilitará ao professor uma melhor compreensão sobre o mundo vivido da criança. Nesse sentido, o ensino de artes abre possibilidades para que a criança, na sua ludicidade, brinque aprendendo, tornando prazerosa a criação de cada objeto artístico, impulsionando a inteligência sensível e afinando a coordenação motora através da experiência estética e a exploração da expressão criativa.

Ao mesmo tempo em que a criança descobre o mundo exterior e nele exerce ações, sua imaginação se desenvolve. Pelo imaginário, encontra possibilidades de vinculações e conexões com o mundo,

balizando o itinerário interior. Na dinâmica do agir, a criança se confronta com os outros, com o real, ao fazer descobertas e realizar invenções, ao sentir alegrias e dores, ao viver apegos e conflitos. Passa a conhecer suas possibilidades de ação e também de limites (RICHTER, p. 6, 2012).

Só não existem limites no mundo da experiência sensível. A cada nova relação com as artes, seja na criação do objeto artístico, seja na apreciação, um novo campo de sensações e compreensões surge, dando sentido ao que foi vivido e percebido. Diversos signos artísticos são criados, e muitas vezes, o que está repousando no lugar comum, cria uma nova configuração, estende-se, quando a linguagem da arte é evocada e expressa, seja por meio do corpo e de algum objeto artístico que foi produzido. O sensível ganha plasticidade, pelas indeterminações que as artes atuam no campo dos sentidos humano. A cor, o desenho, a pintura, mesmo no silêncio da palavra, fala de coisas, de mundos, de pessoas, da natureza e da cultura. Por isso, a cor não deve ser tratada como um simples objeto para ilustrar alguma coisa. Mas, sim, ela compõe uma dimensão de sentidos que ultrapassam a simples contemplação ou definição das coisas.

Se o pintor quer exprimir o mundo, é preciso que o arranjo das cores traga em si esse Todo indivisível; caso contrário, sua pintura será uma alusão às coisas e não as mostrará na unidade imperiosa, na presença, na plenitude insuperável que é, para todos nós, a definição do real. Eis por que cada pincelada deve satisfazer a uma infinidade de condições, eis por que Cézanne meditava às vezes durante uma hora antes de executá-la: ele deve, como dia Bernard, “conter o ar, a luz, o objeto, o plano, o caráter, o desenho, o estilo”. A expressão daquilo que existe é uma tarefa infinita (MERLEAU-PONTY, p. 130-131, 2004).

O pintar para a criança, além da ludicidade, ele põe a criança em contato com o mundo, fazendo da expressão e da comunicação um elo de contato com o imaginário e com as outras pessoas. Por isso, o professor não deve mais usar de métodos mecânicos, nos quais as crianças têm apenas noções do que sejam cores primárias e secundárias, com vazias interpretações sobre o real sentido das cores e a dimensão expressiva que elas revelam. As cores devem ser tratadas como sujeitos de um mundo em constantes transformações e expressões. Nessas perspectivas, pintar é colocar vida nas coisas, dar-lhes movimentos, construir uma ligação naquilo que se percebe e no que é sentido. Cada traço dado pela criança, os elementos da subjetividade despertam da interioridade e vão

desenhando a criança no seu mundo vivido. Elas são texturas impregnadas de signos de um mundo imaginário, onde tudo é permitido, mesmo a título de silêncio e meditação.

As cores estão no ser mesmo da criança, em sua subjetividade. Para Merleau-Ponty (1971, p. 216-217), “elas oferecem uma certa fisionomia motora, estão envolvidas por uma significação vital”. A fisionomia motora da cor é constituída, não no mundo físico e por efeito de algum processo misterioso, mas por certo campo que se oferece a força do olhar e de todo corpo. Para o filósofo, “o azul é o que solicita de mim uma certa maneira de olhar, o que deixa apalpar por um movimento definido pelo meu olhar” (RICHTER, 2012, p.76).

O ensino de artes deve oferecer as crianças amplas possibilidades da experiência corporal, com conteúdos que proporcionem a exploração do olhar, do sentir, do escutar, do tocar e do movimentar-se. Na fase infantil, o desenvolvimento da corporeidade, que é a condição plena do corpo de sentir e perceber o mundo constitui-se numa abertura, onde o movimento é a dimensão corpórea em toda a sua plasticidade. Por isso, o professor deve criar condições favoráveis de uma aula alegre, criativa, interativa, dando ênfase aos aspectos da criação, da experimentação e da relação com o outro. “Assim, não há porque privilegiar a consciência de si; ela é impossível sem a consciência de outrem, é do mesmo tipo; como consciência, a experiência de si só existe como figura sobre um fundo; vemo-nos por intermédio de outrem” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 35).

A educação tecida pela sensibilidade quebra o ranço da educação puramente cognitiva, presa aos aspectos da condição racional, exclusiva do pensamento objetivo. Por isso, as artes, como área do conhecimento, é a disciplina que oferece conteúdos e uma pedagogia fundamentada na experiência estética, no desenvolvimento da sensibilidade, na dimensão do corpo em movimento e no processo da expressão criativa. Educar por esses caminhos, possibilita a criança um desenvolvimento mais amplo da sua condição de sujeito capaz de sentir, de pensar e de modificar-se. Nesse sentido, é função das artes propiciar as crianças um ensino que seja marcante no seu desenvolvimento e que possa ser influente para toda sua vida.

Quando se educa através da sensibilidade, usando as artes como disciplina, o ensino estará oferecendo oportunidades para a formação de um sujeito mais sensível com o mundo em que vive. Não é objetivo das artes salvar a humanidade, e as artes sozinhas, jamais conseguirão tal missão. No entanto, uma educação sensível, tornará o sujeito

capaz de fazer uma leitura do mundo de maneira mais sensível, compreendendo a si mesmo e o mundo em que está inserido.

Pensamos que se faz educação com afeto, ética e estética, articuladas as diversas áreas do conhecimento e às múltiplas possibilidades de perceber e de sentir o contexto no qual estamos inseridos como protagonistas na construção de muitas histórias. Na educação pelo afeto, vários aspectos manifestam o que transita fora do corpo pela via do olhar, da escuta, do gesto, do tato, da linguagem, do movimento que a intuição interroga sob a forma de avaliação sentimental (PILLOTTO, 2010, p. 23).

Fundamentada nos aspectos da afetividade, as artes e a educação, podem ser um excelente caminho para o verdadeiro sentido do educar. Compreendendo a educação como o amplo desenvolvimento do ser humano, o tecer da sensibilidade amplia a condição de sujeito no mundo. Pelo viés do afeto e do sentir, tendo as artes como conteúdo, a educação libera das crianças novas percepções, diversas formas de expressão, de linguagem e de múltiplas formas de comunicação. Dessa maneira, abrem-se espaços para o diálogo, a criatividade e a interatividade, e funda-se uma educação focalizada no âmago do saber compartilhado, proporcionando as crianças novas estratégias de relacionamentos e muitas formas da expressão criativa.

O saber sensível possibilita uma leitura do mundo mais humanizada, principalmente nesses tempos de embrutecimento, do pensamento individualista, do egoísmo e da violência desmedida e banal. Quando mais o mundo torna-se desumano, fragmentando a existência e quebrando os canais da ética e da responsabilidade afetiva, mais se faz necessária uma educação tecida pelas costuras da sensibilidade. Falar com as vozes do coração, através das artes, eleva o espírito humano a uma condição de abertura para compreender as coisas do mundo. Educar é um ato de respeito e ética! Porém, não devemos compreender a educação como uma simples transmissão de conhecimentos. Mas, sim, como uma atividade epistemológica que tem como foco o desenvolvimento humano, baseado nos princípios da cidadania e de respeito ao próximo. Nessa condição, a educação por intermédio das artes, tendo como fundamento humano, o desenvolvimento da sensibilidade, tem condições de formar uma sociedade mais justa e solidária.

Educar supõe a química do aprendizado das relações, da relacionalidade, de modo horizontal e co-implicado, em que os envolvidos na ação co-operam e co-participam dialogicamente, mediante

as matizes das singularidades e as inter-relações das diferenças nas intensidades dos processos de co-aprendência. Toda aprendizagem, em seu sentido mais vasto, traduz co-aprendência, em níveis diferenciados, nos interfluxos das relações de coexistência entre os indivíduos humanos. Aprendizagem e co-aprendência supõem compartilhamento de sentires e de pensares, dos modos diversificados do ser-estar-sendo, das condições do existir (ARAÚJO, 2008, p. 192).

Na esteira de sensibilidade, da coparticipação, do despertar dos fluxos das emoções, da compreensão de mundo e de si mesmo, a educação através das artes, por meio de um ensino democrático, ético e afetivo, deve promover o desenvolvimento das crianças, respeitando suas idiossincrasias, condições culturais e sociais. É no ensino infantil que devemos investir todas as potencialidades da cognição sensível e da experiência estética, possibilitando que a criança seja capaz de criar, de pensar, de sentir, de comunicar-se e de se envolver. Essas diretrizes do desenvolvimento humano são fundamentos necessários para uma educação que tem como princípio formar cidadãos críticos e reflexivos, capazes de interferirem na própria realidade e no mundo em que estão inseridos.

REFERÊNCIAS.

- ARAÚJO, Miguel Almir Lima de. **Os sentidos da sensibilidade: Sua fruição no fenômeno do educar**; EDUFBA, Salvador, BA, 2008.
- CUNHA, Susana Rangel Viera da. **As artes na educação infantil**, Editora Mediação, Porto Alegre, 2012.
- FERRAZ, Maria Heloísa C. de T. **Arte da educação escolar**. Editora Cortez, 4ª edição, São Paulo (SP), 2010.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Psicologia e pedagogia da criança**; Editora Martins Fontes, São Paulo (SP), 2006.
- _____. **O olho e o espírito**, (tradução: Paulo Neves e Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira) Editora Cosac 7 Naify, São Paulo (SP), 2004.
- PILLOTTO, Marly Meira Silvia, **Arte, afeto e educação**. Editora Mediação, Porto Alegre, 2010.
- RICHTER, Regina Simones. **As artes no ensino infantil**, (Susana Rangel Vieira da Cunha), Editora Madição, Porto Alegre (RS), 2012.
- SANTELLA, Lúcia. (Diana Domingos - organizadora). **A arte no século XXI: A humanização das tecnologias**. Editora Unesp, São Paulo (SP), 1997.
- SAVIANI, Durval. **Escola e democracia**, Autores Associados, Campinas (SP), 1980.